



## DIPLOMACIA

# Redução de tensões

Em mais uma etapa da reaproximação entre Pequim e Washington, o presidente chinês, Xi Jinping, reúne-se com a vice-presidente norte-americana, Kamala Harris, na Tailândia. Encontro reforça disposição de manter canais de comunicação entre as duas potências

Cinco dias após o encontro com o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, o líder chinês Xi Jinping conversou, ontem, com a vice-presidente norte-americana, Kamala Harris, em Bangcoc (Tailândia), numa nova etapa da reaproximação entre as duas potências rivais. O breve encontro ocorreu durante a cúpula do Fórum de Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (Apec), em que a Rússia, outra adversária de Washington, parecia isolada na ausência de uma personalidade forte para defender a invasão da Ucrânia, que "a maioria" dos membros do grupo condenou em um comunicado conjunto.

O diálogo entre ambos seguiu a dinâmica iniciada por Biden e Xi, que se comprometeram a reduzir as tensões entre as duas superpotências na segunda-feira passada, numa audiência de três horas, em Bali, à margem da cúpula do G20, grupo integrado pelas grandes economias do planeta.

Kamala Harris reforçou a mensagem de Biden de que "devemos

manter as linhas de comunicação abertas para administrar de maneira responsável a concorrência entre os países", de acordo com uma fonte da Casa Branca que pediu anonimato.

Segundo Pequim, Xi espera que as duas maiores economias do mundo "reduzam os mal-entendidos e os erros de julgamento" para promover "o retorno de relações saudáveis e estáveis".

Tanto em Bangcoc como em Bali, o líder chinês — fortalecido no poder após obter um terceiro mandato histórico — se reuniu com vários líderes estrangeiros. A postura do presidente chinês foi interpretada por analistas políticos como uma disposição de apresentar-se como uma autoridade responsável, alguém preparado para enfrentar os desafios mundiais.

Para observadores internacionais, a reunião com Biden — a primeira presencial desde a chegada ao poder do presidente dos EUA — foi estratégica e construtiva e teve um significado importante para orientar as relações en-

tre Pequim e Washington que, de Taiwan à guerra na Ucrânia, avançam em terreno escorregadio.

### Sem conflito

Em mais um sinal da distensão, o secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, viajará à China no início de 2023, no que seria a primeira visita de um alto funcionário da diplomacia americana ao país asiático desde 2018. Em Bangcoc, Blinken disse que os contatos com Pequim pretendem garantir que a concorrência entre os países "não vire um conflito" e encontrar áreas de cooperação em questões globais, como a mudança climática.

Xi Jinping, que não visita os Estados Unidos desde 2017, pode viajar ao país em 2023 para a próxima reunião de cúpula da Apec, que acontecerá em São Francisco.

Na conversa com Xi, Biden pediu ajuda para conter a Coreia do Norte, país que gera receio nos Estados Unidos e na Coreia do Sul após a recente série sem precedentes de

AFP



Kamala Harris na cúpula da Apec, em Bangcoc: avanços em terreno escorregadio

lançamentos de mísseis balísticos. Segundo uma fonte de Washington, a China deve utilizar sua influência sobre o regime de Kim Jong-un, do qual é a principal aliada diplomática e econômica, para incentivar

Pyongyang "a não seguir na direção da provocação, que desestabiliza a região e o mundo".

Depois da Tailândia, Kamala Harris é aguardada, na terça-feira, na província filipina de Pa-

lawan, perto da fronteira com o Mar da China Meridional, que tem grande parte reivindicado por Pequim. Ela será a principal autoridade do governo americano a visitar a localidade.

## FRANÇA

# Marchas por justiça para as mulheres

Cinco anos após o surgimento do movimento #MeToo, dezenas de milhares de pessoas saíram às ruas, ontem, em Paris e em outras grandes cidades francesas, para exigir uma legislação que acabe com a "impunidade" para qualquer tipo de agressão contra mulheres motivada por questões de gênero. "Somos fortes e orgulhosas. Somos feministas, somos radicais e estamos com raiva", gritavam as manifestantes, enquanto outras repetiam "Metoo em todo lugar, justiça em lugar nenhum".

Convocados por 90 associações, sindicatos e partidos políticos de esquerda, os atos se antecipam

ao dia mundial de combate à violência contra as mulheres, em 25 de novembro. A maior adesão foi na capital, Paris, onde 80 mil pessoas, segundo estimativas divulgadas pelos organizadores, marcharam da Praça da República até a Praça da Nação.

"O que nos enfurece é a impunidade dos agressores e os maus-tratos às vítimas", desabafou Maëlle Noir, integrante do #NousToutes (Nós todas), que coordena a organização das passeatas. "Nós nos manifestamos para prestar homenagem às vítimas", insistiu Sandrine Bouchait, da União Nacional de Famílias de Feminicídios (UNFF),

AFP



Em Paris, manifestantes pedem lei rigorosa e proteção às vítimas

para quem "os feminicídios são o topo da pirâmide da violência sexual e sexista" e cuja associação

solicita "um estatuto de vítimas com acompanhamento psicológico e financeiro" para os familiares.

## Reivindicações

As associações exigem um orçamento público de 2 bilhões de euros por ano (aproximadamente R\$ 11,1 bilhões), além de uma lei que estabeleça "brigadas e jurisdições especializadas", bem como auxílio financeiro para a "proteção das mulheres vítimas". Reivindicam ainda a criação de 15 mil novos locais de abrigo, além de reforço da educação sobre a vida sexual e afetiva na escola.

A ministra francesa responsável pela igualdade entre homens e mulheres, Isabelle Rome, destacou, em entrevista à rádio RMC, que está aberta à instituição de uma polícia e Justiça especializadas, tema sobre o qual está sendo preparada uma missão parlamentar. Sobre recursos financeiros, ela disse que "não pararam de aumentar" para atingir "um montante global de 2,4 bilhões de euros".

Reconheceu, porém, que o valor não é "especificamente" dedicado ao combate à violência.

Frédéric Planquart, 46 anos, que participava de sua primeira mobilização feminista em Marselha, considera que "não se trata apenas de um tema das mulheres", mas também dos homens. Ele assinalou, porém, que "é mais importante agir na vida cotidiana do que se manifestar".

A indignação das organizações feministas é alimentada pelo alto número de feminicídios, que somam 100 desde o começo do ano, segundo um coletivo, contra 122 no ano passado (números oficiais), e pela reticência do mundo político em excluir alguns dirigentes acusados de violência contra as mulheres. Entre 2017 e 2021, o número de estupros ou tentativas de estupro registrados pelo ministério francês do Interior dobrou, passando de 16,9 mil para 34,3 mil.

## Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

# A sociedade e as crises

Não há árvore oca em Zúrique, onde gnomos milionários planejam secretamente crises financeiras mundiais. Mas a má fama do sistema financeiro veio para ficar.

A vida não está nada fácil, e a crise que o mundo vive é, até agora, essencialmente negativa. A causa do fenômeno parece ser a dificuldade que os países enfrentam de diversificar a produção nacional, melhorar a produtividade e criar melhores condições de trabalho para os assalariados.

É mais do que isso, todavia. O rompimento dos laços de solidariedade entre a economia, o Estado e a sociedade se tornaram maiores por causa do sistema financeiro do que

das mudanças no mundo do trabalho. A liberdade de atuar do especulador é oposta à batalha dos indivíduos para ganhar a vida pelo emprego e o trabalho. Cria uma ilusão de que é fácil ganhar dinheiro. Muitos defendem a volta do operariado, das longas jornadas de trabalho e do sistema industrial fabril como solução para buscar encontrar e consolidar as esperanças humanas.

O desmantelamento das economias nacionais pela irresponsabilidade especulativa não é uma transformação histórica grandiosa. O processo de mudança e de criação de uma nova ordem mundial não será feito por bancos, crises monetárias, dança de lobos nas

bolsas de valores. Manipular câmbio, juros, inflação, moeda e bolsa num teatro de atores sem rosto mais conduz o espetáculo em direção à violência na vida social. Especialmente diante de governos fracos e sociedade entorpecida.

A mutação cultural atual parece incontrolável para quem defende o determinismo econômico do mercado. Sem contribuição do Estado e governos improvisadores, a vocação das empresas é detonada pelo mercado, alimenta a ilusão especulativa de ficar rico em um dia, desmoraliza a vontade e a necessidade de lutar para viver, que é a ética da maioria. E por qualquer forma, no jogo bruto dos interesses, a economia especulativa se separou da economia real e passou a exigir trilhões e trilhões de governos em muitos países para sanear estragos feitos por jogadores cúmplices e rivais e cobrir crimes contra a ordem econômica e social.

Após 2007, até hoje, em todos

os países, o silêncio dos partidos, dos sindicatos e das associações profissionais liberais, e a ausência de reação dos intelectuais, abriram o espaço para aventuras econômicas enfraquecendo o conjunto da sociedade. O deslocamento das empresas, fusões e aquisições sem planejamento, a alta concentração econômica nas cadeias globais, praticamente acabou com a livre concorrência.

Uma das consequências é a política não conseguir mais se organizar de forma social-democrata. Diminuíram as perspectivas reais de estabilidade e segurança para que as pessoas tomem a vida em comunidade e possam se autorrepresentar como sujeitos de seu destino.

Está irremediavelmente comprometida a vida integrada e estável. Não existe interdependência capaz de reunir o ambiente favorável ao nascimento do afeto com as instituições culturais e sociais onde

se aprende a adquirir, respeitar e fazer evoluir a história humana. Difícil esperar que as categorias econômicas da produção transnacional e do mundo financeiro abram mão do triunfo da sua cobiça para diminuir a desigualdade humana. Este, o traço mais negativo do alerta que expresse neste artigo.

Os sentimentos humanos não suportam tantos choques vindos de fora. Choques que golpeiam mais impiedosamente os jovens que perdem a perspectiva de dar um bom rumo às suas vidas. Os velhos percebem a decomposição da bondade humana e ampliam seu silêncio social em troca de territórios protegidos das imensas perdas sofridas pelo seu coração. Esperam que a sociedade os acolha e de alguma forma os deixe sobreviver livres do abandono afetivo, da opressão econômica, da indiferença familiar, no mundo pós-social que se anuncia.

Para muitos é bem desorienta-

dor saber que os problemas culturais e sociais na sociedade atual são um fato novo. Diferente da sociedade de massas do fim do século 20 que não dissolveu a sociedade tradicional. Nem criou esse mundo de públicos transformados mais por formas jurídicas de direito do que por formas humanas de respeito.

As pessoas estão virando abstrações e tautologias confusas de uma regularidade mundial assustadora. Não é de se estranhar que o sofrimento tenha virado o mesmo em qualquer lugar. Como se os primeiros 22 anos do século 21 tenham produzido um tipo histórico, uma configuração singular de pessoa específica, humanamente útil para fins ainda desconhecidos. O enfraquecimento do sujeito social deu força errada ao sujeito pessoal. O mundo dos fatos não vai melhorar se o mundo dos princípios mais ainda nos dividir.

PAULO DELGADO, sociólogo